

PARA DOMINGOS: AS CARTAS, OS AMIGOS, A LITERATURA

Laíse Ribas Bastos
UFSC

RESUMO: Este trabalho tem como ponto de partida o estudo das cartas recebidas por Domingos Carvalho da Silva, as quais apontam para uma possível configuração de um cenário de amizades e dissidências em torno de uma perspectiva literária e intelectual comum. Trata-se de mapear a heterogeneidade do possível grupo e o problemático projeto envolvendo a produção literária da época a fim de encontrar, portanto, os meios e modos de permanência da literatura conforme apresentada entre as décadas de 1940 e 1960.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo. Correspondências. Literatura. Geração de 45.

TO DOMINGOS: LETTERS, FRIENDS, LITERATURE

ABSTRACT: The object for studying and analysis in this work is a set of letters received by Domingos Carvalho da Silva, which points to the constitution of a scene consisted of friendship and dissidences around a common literary and intellectual perspective. The objective of this work is to map the heterogeneity of the group as well as the problematic project involving the literary production in that moment, in order to find, thus, the means and ways of permanence of literature as it was configured between the 1940s and the 1960s.

KEYWORDS: Archive. Correspondences. Literature. Generation of 1945.

Laíse Ribas Bastos é professora no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina.

PARA DOMINGOS: AS CARTAS, OS AMIGOS, A LITERATURA

Laíse Ribas Bastos

A abertura de arquivos volumosos como o da correspondência passiva de Domingos Carvalho da Silva não deixa de se apresentar como uma das tentativas de combater o esquecimento, ou melhor, uma tentativa de combater nosso medo do esquecimento, exercitando estratégias de “sobrevivência de rememoração pública e privada”, para usar uma expressão cara ao crítico alemão Andreas Huyssen ao refletir sobre os usos da memória, especialmente em nosso cenário mais recente.¹ Esse desejo de memória provocado pelo trabalho arquivístico ocorre, com efeito, exatamente nessa instância em que se apresenta: provocação, ímpeto, vontade, expectativa, capazes de se materializar no gesto de arquivar, ordenar, e assegurar aos objetos uma possibilidade de existência, de permanência, de futuro, talvez.

O filósofo italiano Paolo Rossi afirma que há formas e lugares expressivos do temor de ser esquecido.² Ele diz ainda que “a memória sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro”.³ De certo modo, são reflexões que apontam para a transitoriedade e incompletude dessas estratégias de sobrevivências, essas formas e lugares que tentamos encontrar, as quais tendem, conseqüentemente, a fracassar cada vez mais diante da instabilidade do nosso tempo e da fratura de nosso espaço vivido. A série de oito pastas de Domingos Carvalho da Silva, uma vez já submetidas ao desejo de arquivo e de coleção próprios de um gesto ordenador presente em Domingos, expressam, também, algo desse desejo de ser lembrado (ou seria de não ser esquecido?), e assim, permitem rearmar uma outra história para a cena literária “pós-geração de 45”. A carta rasgada e incompleta, a anotação no fim da página, o traço apagado pelo tempo e a grafia pouco legível, em contrapartida ao cartão postal, ao bilhete escrito em papel cartão, duradouro, ou ainda, à marca calcada pela máquina de escrever, denunciam todo um cuidado e atenção do missivista não só com seu destinatário, mas também, com a própria escrita epistolar e com a responsabilidade implicada nesse gesto.

¹ HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

² ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento. Seis ensaios da história das ideias*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo, UNESP, 2010.

³ *Ibidem*, p. 24.

Advogado, poeta e editor nascido em Portugal, em 1915, e radicado em São Paulo desde criança, Domingos Carvalho da Silva colaborou assiduamente com textos críticos para diversos jornais de São Paulo, onde também publica seus primeiros livros de poemas. Em 1948, ainda em São Paulo, após ter contribuído para a fundação da *Revista Brasileira de Poesia*, da qual foi um dos diretores, participou da organização do I Congresso Paulista de Poesia, quando sugere o termo “Geração de 45”, feito pelo qual é lembrado na historiografia literária. Domingos Carvalho da Silva também atuou fortemente no Clube de Poesia, fundado em São Paulo a partir da revista e após o congresso. Em 1965 passou a atuar como professor de Literatura na Universidade de Brasília.

O trabalho de pesquisa em torno da correspondência de Domingos Carvalho da Silva foi realizado a partir da digitalização e catalogação de 924 cartas arquivadas em um conjunto de 8 pastas, totalizando 248 missivistas nas pastas intituladas “Cartas Literárias” e 80 missivistas nas pastas “Correspondência”.

De acordo com as análises realizadas, os títulos das pastas – aparentemente atribuídos pelo próprio Domingos Carvalho da Silva – indicam que a sequência das seis pastas intituladas “Cartas Literárias” contém a correspondência recebida no período de 1942 a 1975, arquivada em ordem alfabética. Já as duas pastas com o título “Correspondência” guardam as cartas do período de 1974 a 1988, organizadas conforme a região de residência do remetente no Brasil.

A seleção entre as pastas, cartas e notas de Domingos Carvalho da Silva é procedimento indispensável nesse processo de entrada em um arquivo heterogêneo e repleto de possibilidades. Conforme lembra Jacques Derrida, em *O cartão postal*⁴, a economia da triagem pressupõe, primeiramente, o crivo do próprio escritor, para que então se realize o crivo da pesquisa. Com Domingos, esse crivo ocorre a partir de uma rede de intelectuais atuantes em função de um grupo – autodeclarados de 45 – e de uma perspectiva poética capaz de ser comum a todos os participantes. Nela, nessa espécie de rede, não é difícil definir os papéis mais expressivos diante do número de cartas arquivadas sob o nome de cada interlocutor. A pesquisa inicia-se, então, pelos interlocutores com maior número de correspondências guardadas nas pastas de Domingos e que, de alguma forma, atuam em torno dessa ideia grupo: João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Ferreira de Loanda, Bueno de

⁴ DERRIDA, Jacques. *O cartão postal. De Sócrates a Freud e além*. Trad. Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

Rivera, José Paulo Moreira da Fonseca, André Carneiro, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Ledo Ivo, para citar alguns.

As questões mais recorrentes nas cartas, especialmente naquelas recebidas de poetas e editores, tratam da edição de revistas e antologias. Existem os convites e comentários a respeito da participação em eventos, conferências, aulas (especialmente depois que Domingos passa a atuar como professor na UnB); ou ainda, comentários acerca da publicação de livros de poemas e traduções, ou sobre a participação nas revistas editadas por eles, pelos amigos, e às vezes, pelos amigos de um outro amigo. Na mesma medida, os agradecimentos à Domingos são constantes e inúmeros: dizem respeito às publicações, ao envio de exemplares de revistas, às notas nas colunas de jornais nos quais Domingos colaborava, às sugestões, contribuições e convites para o Clube de Poesia, dentre outros. Por meio das cartas, é possível, portanto, recuperar um contexto de produção editorial do final da década de 1940 até os anos 1970, resgatando, especialmente, a edição de jornais e revistas literárias, bem como os grupos atuantes em torno deles.

Ledo Ivo e Fernando Ferreira de Loanda, certamente o mais polêmico e responsável por capitalizar o grupo e os valores do grupo (em nome dos “valores da geração”, ou porque “meu tempo custa dinheiro”, como afirmaria em carta para Domingos⁵) articulavam contatos com a *Edifício*, de Minas Gerais, e com a *Joaquim*, do Paraná, por exemplo. Aceitavam ser representantes da *Revista Brasileira de Poesia*, no Rio de Janeiro, com a condição de *Orfeu*, a revista dirigida pelo próprio Fernando Ferreira de Loanda, Ledo Ivo e Fred Pinheiro, ser representada e divulgada por Domingos Carvalho da Silva em São Paulo. Luís Glauco Torres escreve de Fortaleza, estabelece as conexões com a revista *Clã* (1946-1957); Fausto Cunha, pernambucano radicado no Rio de Janeiro, participante da revista *Branca* (década de 1950); e André Carneiro, ficcionista, cineasta, criador do jornal literário *Tentativa* (1949-1951), em São Paulo, são alguns dos sujeitos e periódicos imbricados nessa rede de contatos. A respeito das revistas, é preciso retomar o pertinente comentário de Ledo Ivo, em 1948, ao que tudo indica por ocasião do recebimento do segundo número da *Revista Brasileira de Poesia*.

Acho, contudo, que não deve haver na revista essa malícia ou ataque direto que tolero e até louvo em revistas tipo *Orfeu* e *Joaquim*. Na minha opinião, estas po-

⁵ Carta de 05 de setembro de 1967.

dem esculhambar à vontade, pois são revistas de grupo, e mais que de grupo são literárias, enquanto a RBP não é literária – é de poesia, supondo uma dignidade que pertence visceralmente à poesia mas é indiferente à literatura.⁶

A afirmação de Ledo Ivo é, no mínimo, provocadora, na medida em que reivindica uma posição para a *Revista Brasileira de Poesia* a partir de um lugar pré-existente e naturalizado para a poesia e para a literatura, como se a poesia fosse uma instância incólume a qualquer tipo de dissensão literária. Comentário que estabelece, também, um paradoxo, uma vez que vem de um dos grandes ativistas e fomentadores dos embates da época. Além disso, apesar de constatar a dificuldade de comercialização das revistas no Rio de Janeiro, bem como a baixa recepção de um trabalho de “tanta disciplina beneficiada em tanta liberdade”, como afirmaria a Domingos, Ledo Ivo não deixa de expressar sua preocupação com um futuro legado poético, tampouco de reconhecer a importância da *Revista Brasileira de Poesia* para o estudo de poesia, durante e depois dos anos 40, atestando, assim, que a revista é também uma forma e um lugar onde o temor de ser esquecido pode, de algum modo, ser apaziguado.

A discussão em torno da formação de um grupo se dá, principalmente, nas cartas dos anos 50 e 60, em uma busca incessante de assimilação que diz respeito muito mais aos próprios poetas e críticos do que a um possível público leitor de poesia. Escritores como Bueno de Rivera (poeta de Minas Gerais, ligado ao grupo da revista *Edifício*) e o tenaz Fernando Ferreira de Loanda (poeta angolano, naturalizado brasileiro) por exemplo, tinham na ideia de “Geração” a defesa de um grupo efetivo, o que levava Bueno de Rivera a afirmar que “o grupo estava muito unido”, e que coube a Domingos “agitar o problema e dar o que falar”.

Uma das antologias de poemas organizada por Fernando Ferreira de Loanda incluía Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Vinícius de Moraes e Bueno de Rivera (os mais velhos “aceitos” no livro, segundo Loanda). Em 1948, a propósito dessa edição, Fernando Ferreira de Loanda escreve a Domingos perguntando se haveria “algum outro paulista digno” de fazer parte dos selecionados para a antologia. Embora os contatos e a circulação das revistas, livros e antologias ocorressem por todo o país, vêm notadamente de São Paulo a necessidade de afirmação, delimitação de valores e nomes, e, sobretudo, o embate crítico. Evidentemente, as linhas que demarcam

⁶ Carta de 02 de setembro de 1948.

as fronteiras desse grupo acabam predominantemente circunscritas ao âmbito paulista. Vale lembrar que já nos anos 60 e 70 nomes como Ferreira Gullar, Haroldo de Campos e Mário Faustino eram frequentemente aludidos em tom de deboche e ironia em algumas cartas recebidas por Domingos. Fernando Ferreira de Loanda, por exemplo, referia-se ao “inimigo Belquior”, certamente uma referência a José Guilherme Merquior e sua perturbadora análise dos “poetas de 45”, feita em 1962, no artigo “Falência da poesia ou uma geração enganada e enganosa: os poetas de 45”.⁷

Fernando Ferreira de Loanda, que, conforme afirmava, desejava “ser rico, muito rico” para “passar o resto da vida a mexer com revistas e a organizar antologias”⁸ revela-se muito lúcido e perspicaz em relação às estratégias de fortalecimento de um grupo que, segundo ele, “não se faz só com rótulo e a evidência publicitária”, defendendo a importância da publicação de livros, ensaios, antologias, como lugares de uma possível visibilidade e como chance para marcar um posicionamento.

Se, por um lado, a posição desses poetas manifesta-se de forma um tanto radical, por outro, é preciso destacar o empenho em criar todo um aparato editorial capaz de fazer essas ideias circular. Nesse quesito, destaca-se o poder de articulação de Fernando Ferreira de Loanda, que, apesar das intrigas e da constante preocupação com os “inimigos”, arrecadava as doações e fazia a contabilidade para as publicações, anunciando, em mais de uma ocasião, que na ausência de editores, eles mesmos publicariam seus livros de forma independente – visitando uma prática que, com objetivos diversos, de tempos em tempos é retomada na história da literatura.

Diante desse cenário há também escritores que parecem relativizar e minimizar todo esse movimento em detrimento de uma heterogeneidade de opiniões e de uma diversidade poética, como é o caso de Marcos Konder Reis, poeta nascido na cidade de Itajaí, SC, que na década de 30 passa a residir no Rio de Janeiro. Em 1965, Marcos Konder envia alguns poemas para uma página de poetas da “geração de 45” organizada por Domingos Carvalho da Silva. Em entrevista, Domingos pergunta quando Marcos teria adquirido a consciência de pertencer a uma geração de poetas que procurava inovar a poesia brasileira e “reformular” o modernismo, ao que o poeta responde dizendo que

⁷ Cf. MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema: ensaios de crítica e de estética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

⁸ Carta de 30 de maio de 1953.

forçar tal pertencimento caracteriza-se como um modo de cerceamento ao próprio fazer poético.

Também na contramão do grande grupo reunido nas pastas de Domingos, João Cabral de Melo Neto não aderiu completamente à ideia de “geração”, recorrentemente tocando no assunto com Domingos. Em uma carta enviada de Barcelona, Cabral acertava os detalhes da sua tradução de poesia catalã para a *Revista Brasileira de Poesia*, e fazia um pedido a Domingos: que preparasse uma antologia de dez poetas, nas palavras de Cabral: “de nossa geração”.⁹ A antologia aos cuidados de Domingos não fora publicada pelo selo de João Cabral, mas vale notar que a constelação de nomes em torno do “45” vai se formando naturalmente, de modo que, exatamente no n. 4 da *Revista Brasileira de Poesia* (fevereiro/1949, número com as traduções de Cabral), há uma nota informando que Bueno de Rivera, José Paulo Moreira da Fonseca, Ledo Ivo e João Cabral de Melo Neto passavam a integrar o conselho consultivo da revista. Em outra ocasião, Cabral também parabenizaria Domingos pela adoção de Vinícius de Moraes na “família”. No entanto, Cabral não deixa claro exatamente que família é essa e quais seriam as afinidades, valores, ou até mesmo critérios que estariam implícitos nessas “adoções”.

A presença de Cabral no grupo também não parecia unanimidade. Na mesma carta em que aponta a responsabilidade poética da *Revista Brasileira de Poesia*, Ledo Ivo destaca a importância do gesto político de Domingos Carvalho da Silva¹⁰ ao inserir de João Cabral no conselho consultivo da revista. Porém, na mesma carta, Ledo Ivo questiona a necessidade de estabelecimento de critérios para chamar outros integrantes para o “grupo” (havia de se definir, segundo ele, o “ofício” dos novos integrantes – escritores, poetas, ensaístas – bem como a possibilidade de abertura para outros estados além de São Paulo).

Outra situação é quando Bueno de Rivera, provavelmente por conta dos artigos de Cabral publicados no *Diário Carioca*, em 1952, pergunta à Domingos: “Você viu o que João Cabral andou falando sobre a geração de 45?”, para, na sequência da carta, acusar Cabral de entrar no grupo dos “tomadores de bênção de Bandeira, Drummond, Schimdt e Murilo”¹¹, curiosamente mencionados por Cabral, em uma das cartas¹², como referências para uma noção de

⁹ Grifo meu.

¹⁰ Carta de 02 de setembro de 1948.

¹¹ Carta de 21 de março de 1953.

¹² Carta de 20 de fevereiro de 1950.

“qualidade que viria com o tempo”.¹³ Sem deixar de se corresponder com o amigo (ao contrário, a extensa correspondência entre Cabral e Domingos vai até 1968), a disparidade no pensamento em relação ao grupo evidencia-se quando Cabral torna explícito o enfraquecimento dos vínculos com a “geração”, em carta de 1952 (justamente o ano dos artigos no *Diário Carioca*).

A heterogeneidade é, notadamente, um dos marcos desse grupo, questão já posta nas inúmeras tentativas de sistematização da geração (José Paulo Paes, no n.18 da revista *Joaquim*; Sérgio Buarque de Holanda, em 1950, no *Diário carioca*; Péricles Eugênio da Silva Ramos, em 1948, na *Revista Brasileira de Poesia*; e, principalmente, João Cabral em seus textos de 1952). A noção de diversidade também se apresenta em uma carta de Alceu Amoroso Lima para Domingos¹⁴, cujo objetivo era enviar um pedido de desculpas por não tê-lo mencionado em seu artigo sobre a poesia por ele denominada “neomodernista”. Na carta, Alceu atesta a dificuldade de “encaixar um escritor ou um poeta ‘em uma classe qualquer’”, lembrando que as classificações possuem um valor relativo, “cada poeta é um caso à parte”, segundo ele. O artigo sobre a poesia “neomodernista”, escrito por Alceu em 1947 e publicado na revista *A época*, do corpo discente da Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro¹⁵, fora eventualmente retomado por alguns correspondentes de Domingos, e por Péricles Eugênio da Silva Ramos em seu artigo “O neo-modernismo”, no primeiro número da *Revista Brasileira de Poesia*. O objetivo era tentar esclarecer alguns aspectos acerca da “nova poesia” que surgia (ou se fazia surgir), como relativizar a ênfase na técnica excessiva, e rever a natureza dos laços com o movimento modernista, por exemplo.

¹³ Trata-se de uma série de quatro artigos escritos por João Cabral de Melo Neto acerca dos poetas da então chamada “Geração de 45”. Cabral defende que além da posição histórica e da situação de leitura e criação literária com a qual se depararam, não haveria uma tendência comum nem orientação geral dos poetas da geração de 45. Segundo Cabral, “Uma geração é melhor definida de fora para dentro do que de dentro para fora, a saber, pela consciência que possa ter de si própria, pela sua maneira de reagir diante deste ou daquele problema. Uma geração é definível mais pelos problemas que encontra do que por uma maneira comum de resolver seus problemas.” (p. 724) – perspicácia e percepção crítica que talvez tenham faltado a alguns desses poetas ao insistir na configuração (e exigi-la, também) de um cenário literário coeso e preciso exclusivamente a partir de um grupo de poetas (“de dentro para fora”), desconsiderando a situação de leitura e outras demandas literárias próprias de determinado contexto. Cf. MELO NETO, João Cabral de. *Geração de 45*. In: *Poesia completa e prosa*. Org. Antonio Carlos Secchin. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

¹⁴ Carta de 02 de abril de 1956.

¹⁵ Republicado, no mesmo ano, no suplemento dominical de *A manhã*. Cf. RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. O neo-modernismo. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n.1, v.1, p.2-4, dez. 1947.

O que se pode notar, portanto, é que as cartas são definidoras do modo pelo qual essas relações se estabeleciam entre aqueles escritores, poetas, críticos, intelectuais. O estudo das cartas de Domingos Carvalho da Silva demonstra como uma única carta pode fundar ou desmantelar uma história: é o que se percebe na ativa e contundente participação de Fernando Ferreira de Loanda, ou na diplomática relação de João Cabral com Domingos – autores algo distantes no modo de condução de seus projetos de poesia e crítica. Nesse sentido configura-se então o termo “literária” presente no título das pastas, sobretudo, como uma designação de cartas ligadas menos ao “fazer literário” e muito mais ao trato com o mundo literário, afinidades e dissensões da vida literária.

Há pequenos temas que rondam a escrita dos correspondentes de Domingos e que não chegam a ser desenvolvidos nas cartas, uma vez que parecem minados pelo nível objetivo – ou quiçá pragmático – da linguagem. Por exemplo, quando Ledo Ivo comenta que recém havia se tornado pai para logo retomar o assunto literário deixado brevemente de lado; ou quando João Cabral comenta suas dores de cabeça enquanto discorre sobre uma antologia, ou fala sobre seu cansaço físico que muitas vezes lhe impedia a escrita. Ou seja, esses assuntos normalmente só vêm à tona como interferências no objetivo principal da correspondência, predominantemente, literário.

Percebe-se, assim, que o amplo período coberto pelas correspondências (1942 a 1988) permite mapear efetivamente toda uma rede de contatos em torno da produção de alguns autores ligados ao grupo de 45, desde uma possibilidade de existência de um grupo firmado em um projeto efetivamente mais crítico e editorial do que poético, até o abrandamento das relações que o sustentavam – como grupo e como projeto. Além disso, Domingos Carvalho da Silva surge como uma figura espectral, sendo moldada de acordo com o relato das cartas, a partir do que seus correspondentes dizem sobre ele, respondem a ele, opinam sobre questões relativas ao seu trabalho e, em raras vezes, em relação à sua vida pessoal. Sua correspondência passiva faz surgir uma certa verdade, ou um fragmento de verdade na imagem quase fantasmática do poeta que também soube exercer sua “diplomacia literária”, mediador das diferenças e acusações entre João Cabral e Bueno de Rivera, ou das recorrentes intrigas entre Fernando Ferreira de Loanda e Péricles Eugênio da Silva Ramos, para citar mais alguns exemplos.

Trata-se do entendimento de uma dupla função da correspondência, conforme pensada por Michel Foucault¹⁶ quando afirma que, por meio da escri-

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A Escrita de si*. Ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. [Coleção Ditos & Escritos, vol. V].

ta, a carta enviada é capaz de agir sobre aquele que a envia, e pela leitura e releitura, pode agir sobre aquele que a recebe. Ou seja, a questão é pensar os modos de aproximação entre emissor e destinatário, como em um ato de “puxar conversa”, como sugere Silviano Santiago¹⁷, situação na qual a relação entre sujeito e objeto pode ser constantemente invertida. No entanto, apesar da expansão de limites público e privado proporcionada pela leitura das cartas, Silviano Santiago lembra que elas têm algo a ver não só com o desejo de comunicação, mas, principalmente, “tem algo a ver com a solidão. Solidão é palavra de amor. Sua leitura também”.¹⁸

¹⁷ SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. In: *Ora (direis) puxar conversa! Ensaios literários*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006, p. 59-95.

¹⁸ *Ibidem*, p. 77.

Recebido em 5 de junho de 2017
Aceito em 12 de junho de 2017